

# de Rubem Braga

COM DESENHOS DE ANAHORY



## A visita do casal

Um casal de amigos vem me visitar. Vejo-os que sobem lentamente a rua. Certamente ainda não me viram, pois a luz do meu quarto está apagada.

É uma quarta-feira de abril. Com certeza acabaram de jantar, ficaram à-toa, e depois disseram: vamos passar pela casa do Rubem? E', podemos dar uma passadinha lá. Talvez venham apenas fazer hora para a última sessão de cinema. De qualquer modo vieram. E me agrada que tenham vindo. Dá-me prazer vê-los assim subindo a rua vazia e saber que vêm me visitar.

Penso um instante nos dois; refaço a imagem um pouco distraída que faço de cada um. Sei há quantos anos são casados, e como vivem. A gente sempre sabe, de um casal de amigos, um pouco mais do que cada um dos membros do casal imagina. Como tôda gente, já fui amigo de casais que se separaram. É tão triste. É penoso e incômodo, porque então a gente tem de passar a considerar cada um separado — e cada um fica sem uma parte de sua própria realidade. A realidade, para nós, eram dois, não

apenas no que os unia, como ainda no que os separava quando juntos. Havia um casal; quando deixa de haver, passamos a considerar cada um, secretamente, como se estivesse com uma espécie de luto. Preferimos que vivam mal, porém juntos; é mais cômodo para nós. Que briguem e não se compreendam, e não mais se amem e se traiam; mas não deixem de ser um casal, pois é assim que eles existem para nós. Ficam ligeiramente absurdos sendo duas pessoas.

Como quase todo casal, êsse que vem me visitar já andou querendo se separar. Pois ali estão os dois juntos. Êle com seu passo largo e um pouco melancólico, a pensar suas coisas; ela com aquêle vestido branco tão conhecido que “me engorda um pouco, chi meu Deus, estou vendo a hora que preciso comprar êsse livro “Coma e Emagreça”, meu marido vive me chamando de bola de sebo, você acha, Rubem?”

Eu gosto do vestido. Quanto a ela própria, eu já a conheço tanto, nesta longa amizade, em seus encantos e em seus defeitos, que não me lembro de considerar se em conjunto é bonita ou não, e tenho uma leve surpresa sempre que ouço alguma opinião de uma pessoa estranha; não posso imaginar qual seria minha impressão se a visse agora pela primeira vez. “Êle diz que eu tenho corpo de mulata, você acha, Rubem? Diz que eu quando engordo minha gordura vem tôda para aqui” — e passa as mãos nas ancas, rindo. “Nesse negócio de corpo de mulata v. deve mesmo consultar o Rubem, mulher”. Um gosta de mexer com o outro falando comigo. “Você já reparou nessa camisa dêle. Fale francamente, você tinha coragem de sair na rua com uma camisa assim?”

Penso essas bobagens em um segundo, enquanto eles se aproximam de minha casa. Na tarde que vai anoitecendo tem alguma coisa tocante êsse casal que anda em silêncio na rua vazia; e eu sou grato a ambos por virem me visitar. Estou meio comovido.

A campanha bate. Acendo a luz e vou lhes abrir a porta e também, discretamente, o coração. “Quase que não batemos, vimos luz apagada. O que é que você faz aí no escuro?”

Digo que nada, às vêzes gosto de ficar no escuro. “Eu não disse que êle era um morcego?”

Sou um morcego cordial; trago um conhaque para êle e um vinho do Porto para ela.



## GENTE DA CIDADE



Athos Bulcão,  
desenbista

Nasceu, há 36 anos, na mesma rua em que o sr. Getúlio Vargas deseja morrer daqui a 40 anos — a do Catete, naturalmente. Vem de duas famílias fluminenses, com pai industrial, e foi criado na Tijuca, onde fez os cursos primário e secundário, sem grande brilho, no Paula Freitas. Nunca foi de esportes, mas era diretor do “Valparaíso F. C.”; tirava melhores notas em História Natural, Português e, principalmente, Desenho. Curso Medicina até o terceiro ano, mas, quando viu a exposição de Portinari em 1939 e a grande exposição francesa de 1940, resolveu que era artista. É Portinari quem o guia, e êle não tarda a receber duas medalhas de prata no Salão, uma de desenho, outra de pintura.

Em 1943, é convocado para o Exército, onde serve dois anos sem chegar a cabo; trabalha muito traduzindo manuais americanos para a FEB; em 1944, Oscar Niemeyer ajeita a pequena sede do Instituto dos Arquitetos, e o convida para inaugurá-la com uma exposição; o jovem soldado vende a metade dos quadros. Em 1945, Portinari convida-o para trabalhar na Pampulha, com Santa Rosa e José Morais. Passa um mês lá e, quando volta ao Rio, não tem onde morar e acaba ficando sete meses na casa de Portinari, no Cosme Velho.

“Foi ali, vendo Portinari trabalhar, e ajudando com pequenos serviços de aprendiz que aprendi a ser humilde diante da arte, e senti o quanto eu não sabia; foi ali que aprendi a distinguir as côres”. Junto com o mestre, lê o “Diário” de Delacroix.

Em 46 e 47, faz exposições em Belo Horizonte, no intervalo vive 60 dias em Sabará. “Há duas cidades realmente importantes no mundo: Sabará e Siena” — diz Athos, que não conhece a Bahia. Sabará é para êle um convite a sentir as coisas do Brasil, e deixa de fazer aqueles vagos desenhos de cenários para teatro e outras coisas. Os desenhos que faz ali são vendidos para a Belgo-Mineira. Athos é católico e acha que um homem pode ser enterrado (cremado, não) em qualquer lugar — “mas se a gente pudesse querer pensar em escolher um lugar para ficar depois de morto, eu escolheria Sabará”.

Em 1948 ganha uma bolsa do Governo Francês e passa um ano em Paris; estuda litografia no atelier de Jean Pons. Vai à Itália antes de voltar ao Brasil e recebe um choque de luz mediterrânea. “Foi em Veneza, diante do colorido das casas e da alegria do sol na água e no céu, que descobri o quanto detestava Versalhes”. Vê ali uma exposição de 200 quadros de Giovanni Bellini, mas sua emoção é ainda maior quando visita, em Arezzo, os afrescos de Piero della Francesca.

Voltando ao Brasil, faz várias coisas; Maria Martins o estimula no terreno da decoração, Burle Marx obriga-o a não abandonar a pintura, Brutus Pedreira mete-lhe na cabeça que deve se dedicar ao teatro. “Ensaiei durante 7 meses nos “Comediantes” e o ensaiador me dizia, desanimado: “não é possível o senhor continuar com essa cara de pedra; felizmente, desisti antes de aparecer em público e hoje, de teatro, só me interessa fazer cenários, se tiver uma oportunidade boa”.

Acha que a coisa mais séria que existe em teatro no Brasil é o T. B. C., mas que êste ganharia em perder certos tiques europeus e em se abraçar um pouco através da influência carioca; diz que nosso melhor cenarista é Anísio Medeiros. Tem um carinho especial por Di Cavalcanti — “êle pinta nossas mulatas com o mesmo lirismo e a mesma sensualidade com que Renoir pintava suas mulheres ruivas”, e acha Di o homem mais estimulante do Brasil. Em música, prefere Mozart (“mas fica muito Murilo Mendes dizer isso”), Vivaldi e Bach. Gosta de jazz (“quente ou frio”), da música popular brasileira: Noel, Ary Barroso e Dorival Caymmi — “menos “Tão Só”, que é horrível”.

Athos vive hoje de decoração, e está ultimando agora a Casa de Saúde Dr. Eiras, para nervosos e doentes mentais, onde evitou a monotonia alucinante dos

brancos, usando cores agradáveis e calmantes e dispendo os móveis com mais jeito de hotel que de hospital. Um de seus últimos trabalhos é um painel de vidrotel em um edifício ainda não inaugurado, na rua Bolívar. Já decorou muitas residências particulares, mas mora em um apartamento perto do "Vogue" que é, afirma Ceschiatti, "feio e sem graça". Torce moderadamente para o Fluminense, admira Dostoiowski, Rimbaud, Hoelderling. Dos escritores católicos, admira sobretudo Léon Blay (acha que "Le Sang Du Pauvre" foi o livro que o ajudou a encontrar uma resposta fora do marxismo para a sua angústia perante a injustiça social), admira o movimento dos padres operários franceses ("mas não critico o Vaticano"), não gosta de Chesterton, segue muito Romano Guardini e acredita que o próximo Congresso Eucarístico poderá ser, "sob a orientação inteligente e sensível de dom Helder Câmara, uma grande oportunidade para os artistas brasileiros levarem sua inspiração à arte religiosa, ressuscitá-la entre nós, superar a degradante mediocridade comercial da Casa Sucena..."

Acha que a psicanálise é útil em muitos casos, mas se irrita com os que a praticam sem um preparo sério e também com seu preço — "é só para maluco bem grã-fino", mas nem a psicanálise nem a confissão eliminam uma parte da angústia que é inerente à condição do homem. Pessoalmente, acha essencial para manter seu equilíbrio nervoso tomar uma grossa bebedeira de tempos em tempos, embora de ordinário seja sóbrio. Disse que a brasileira mais elegante que conhece é Dulce Liberal (senhora Martinez de Hoz), mas, como protestamos que essa senhora vive no estrangeiro, citou imediatamente dona Stella Batista Pereira, de S. Paulo. Homem elegante: Aloysio de Salles.

Athos Bulcão, lento e delicado, de olheiras (fêz regime, emagreceu 18 quilos), tem certa fama de fantasma, costuma aparecer nos lugares mais estranhos nas horas mais inesperadas e dizem que já "baixou" ao mesmo tempo em S. Paulo, no Rio e em Roma, segundo testemunhos autorizados; Paulo Mendes Campos afirma que ele se evapora de madrugada em menos de um minuto, ficando apenas dois olhos boiando no ar, que logo somem. Vinícius de Moraes, perguntado uma vez sobre se acreditava no espiritismo, disse: "Yo no creo en Athos Bulcones, pero que los hay, los hay".

## Soneto

FEITO DE IMPROVISO JUNTO A SEPULTURA DE D. INES DE CASTRO

PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS

Os Amores em chusma se ajuntaram  
A formar esta lúgubre escultura:  
Mas ao traçá-la, cheios de ternura,  
Os meigos olhos com as mãos taparam.

O Gênio da Tristeza, que invocaram,  
Lhes aplica o Cizel à pedra dura,  
E a triste majestosa sepultura  
De Inês e Pedro juntos acabaram.

Para admirar esta obra, lá de Gnido,  
Talhando os ares, vem ligeiramente,  
Vaidoso e ufano, o fero Deus Cupido:

Mas ao vê-la desmaia; e de repente,  
De compaixão insólita movido,  
O rosto vira, e o banha em pranto ardente.

É na "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial", feita por Sérgio Buarque de Hollanda para o Instituto do Livro, que fomos colher esse soneto do padre A. P. de Sousa Caldas, que nasceu no Rio de Janeiro em 1762.

## SOIRÉE

IBRAHIM SUED

A SEMANA DO "SWEEPSTAKE" começou na terça-feira com um elegante jantar oferecido pelo sr. e sra. Otacílio Gualberto. Como sempre, a extrema hospitalidade dos Gualbertos, um bom "menu" com champanhota e mais. O Ministro Nero Moura chegou hora e meia atrasado. Pensou que fosse jantar americano... A senhora Stela Marinho usou um belíssimo vestido vermelho. A senhora José Wilhemsen Júnior, elegantíssima como sempre. Aconteceu também um bolinho com velinhas durante o jantar, para a senhora Carlos de Laet, que aniversariava. Depois, houve "bridges" e papos. Na quarta, fui abraçar a senhora Nenen Barouquel. Ela aniversariava e recebia para um "souper" dançante. Todo mundo presente a esse simpático e alegre acontecimento. E também o paulista, senhor Nelito de Almeida fazendo sucesso... Na quinta, tive o prazer de participar de um agradável "dinner" oferecido pelos simpáticos embaixadores da Holanda, sr. e sra. Schurmann, com a presença da simpática senhorita Marcela Schurmann. Entre os presentes nessa noite, a senhora Jean Claude Lucas, muito elegante. A senhorita Cristina Pombeiro, com um bonito vestido desenhado por José Ronaldo. O Conde Larisch, que foi o que mais dançou nessa reunião. A senhora Frank Mesquita. O sr. e sra. Eddy Linch. O sr. e sra. J. A. de Macedo Soares (ela, como sempre com seus cabelos dourados), participando a presença de seu avô, o Marquês de Bello, no Brasil. Sem dúvida, os Schurmann são sempre simpáticos.

NA SEXTA-FEIRA, a noite elegante foi na residência do sr. e sra. Carlos Heilborn que receberam para um "souper" dançante. Todo o nosso Rio compareceu. Os vestidos exibidos nessa noite deram ao ambiente um verdadeiro aspecto de desfile de modas. Maria Helena Nobre, Nely Jaffet, Maria Eudóxia Gualberto exibiram Balmain. Também a nossa anfitriã, como sempre muito bem vestida, preferiu Balmain para essa noite. A senhora Jorge Vargas, um tipo de elegância mignon, estava uma pintura. O famoso Burle Marx, todas as vezes que ouvia um comentário sobre os arranjos das flores, esboçava um sorriso. Era ele o autor da decoração dos salões onde estava reunida a sociedade carioca. Enquanto a senhora Lia Mayrink Veiga, recém-chegada da Europa, revia suas amigas, seu marido, o sempre jovem Antenor Mayrink Veiga, me confirmava o romance de seu filho, Tony, com a bonita modelo Suzy Parker (eles estão em Cannes no momento em que escrevo estas linhas). As paulistas Odete Matarazzo e Anete Morganti estavam presentes, com seu "charme". Bené Nunes tocou até as 8 da manhã (é o pianista da moda.) As senhoras Antônio Liberal, Arthur Bernardes Filho, Vasco Leitão da Cunha, Oscar de Campos Viana, Antônio Galloti e Viúva Leite Garcia ouviam as novidades parisienses, contadas pela senhora Josefina Jordan, que estava com um espetacular colar de brilhantes. As senhoras Carlos Novis, Geraldo Góis, Nelson Batista, Aloysio de Salles, Sebastião de Almeida também estavam presentes. Ainda nessa noite, o sr. e sra. Leopoldo Modesto Leal, senhora Isabel de Wrede e Marquesa de Valparaíso, e a elegantíssima Maria Cecília Freeman. Os Heilborn recebem com perfeição e bom gosto. Uma noite, além de elegante, muito simpática. Destas festas eu gosto e estou sempre disposto a comparecer.

OS PAULISTAS NO "SWEEPSTAKE": A senhora Dirceu Fontoura usou um bonito colar de brilhantes no tradicional baile do Copacabana. A senhorita Vera Cunha Bueno (que abusou do pó branco nos cabelos) andou saindo com o jovem senhor Darke de Mattos. Quando eu entrevistei a bonita Helene Matarazzo, no meu programa radiofônico, ela me declarou que a coleção de vestido que mais lhe agradou, este ano, foi de Balmain. Enquanto a carioca Gilda Sarmanho me declarava, no microfone da Nacional, que preferiu Jacques Fath. Muito sucesso fez a beleza da senhora Pierre Loeb nos acontecimentos da semana. O "Play-Boy"



Em uma reunião elegante o sr. e sra. Ivan Espirito Santo Cardoso, ela, nascida Carmen Sêco.

Jean Louis Soares de Lacerda parece que não deu muita sorte este ano... Andou muito agitado. O amigo Chico Sousa Dantas esteve presente com a sua elegância londrina. O senhor Osvaldo Vidigal dançou e conversou muito com a moreníssima Negra Vejaneda, que está nos visitando... Notou-se a ausência de Teresinha Solbiati. Será que ela está mesmo apaixonada? Ou esteve doente? Deixar de vir ao Rio nessa temporada é porque existe algo muito importante...

NO TRADICIONAL BAILE do Copacabana: O Barão Guy de Rothschild dança com a senhora Dolores Guinle. É uma beleza a gaúcha Léa Pemia. O senhor Francisco Eduardo de Paula Machado (um dos dez melhores partidos do Rio) dança com muito entusiasmo, com uma jovem loura... Murilo Nery e Ribeiro Martins transmitiram, do local, o programa Bangu (Rádio Nacional). Este ano estava bem frequentado e sobretudo selecionado... O sr. e sra. Otávio Guinle, com um grupo de convidados. A senhora Déa Cardim dança com o sr. Carlos Roberto de Aguiar Moreira. O Ministro Mário Pinotti goza as delícias de ser ministro de Estado... De "smoking" e tudo. O Presidente do Jôquei e senhora Mário Ribeiro recebem as delegações estrangeiras. A senhora Celso Rocha Miranda, com seu perfil elegante. O sr. e sra. Fábio Prado estão presentes.

NO COUNTRY, DOMINGO: Rio e São Paulo estão reunidos em uma grande noite de gala. O Presidente Galliez está feliz. A senhora Vitor Coelho é surpreendida com um bólo de aniversário. Foi uma surpresa que os amigos lhe fizeram. Os casais paranaenses Generoso Ferreira e Adalberto Scherir jantam com o sr. e sra. Fernando Veloso. Está muito elegante, em um grupo, a senhora Vera De Vique. O senhor Vinícius Valadares e sua noiva senhorita Ana Lúcia Santa Rita (de casamento marcado para o dia 14, depois de um ligeiro arrufo) com o casal Darcy Froes da Cruz, a senhora Lúcia Valadares e os senhores Arthur e Oton Bezerra de Melo. A senhorita Flávia Pacheco participa da noitada. A senhorita Sílvia Lafer parece que está namorando o senhor Homero Lopes... O sr. e sra. Vieira Machado jantam com um grande grupo.

A SENHORITA VERA MENDES PIMENTEL reuniu amigos para um almoço em sua residência, para despedidas do Ministro Hugo Gouthier, que retornou a New York. De Washington, sou informado que a senhora Fernando Augusto Buarque de Macedo Franco Neto recebeu a visita da cegonha. O vovô Vargas Neto está feliz. Regressou da Europa o Coronel e senhora Benjamim Vargas. A bonita senhora Margarida Vargas trouxe coleções de Fath e Dior.

NA TRIBUNA DE HONRA DO PRADO: O sr. e sra. Ivan Espirito Santo Cardoso conversam com o senhor Alfredo Bernardes e a senhora Jacy Carneiro Monteiro (da sociedade riograndense). O Ministro e senhora Luís Galloti conversam com o Ministro Oswaldo Aranha, que é um dos 10 homens mais elegantes do ano. O Presidente Vargas diz qualquer coisa ao ouvido do senhor Herbert Moses. O Ministro Zenóbio da Costa mostra satisfeito suas "poules" e vai para o "pagador". Muita gente e muitas mulheres elegantes. O "Grande Prêmio Brasil" de 1954 foi corrido. Agora, até para o ano... Antes de encerrar, quero comunicar que brevemente iniciarei minha coluna diária, em um grande e conceituado jornal desta capital. Depois eu explico. Até quinta.